

Coluna do Castello

Ponte entre Sarney e Quércia: Robertão

O deputado Roberto Cardoso Alves, um dos principais coordenadores do *Centrão*, foi alçado à condição de interlocutor entre o presidente da República e o governador de São Paulo. Antes de embarcar para o Maranhão, o presidente chamou a Brasília o deputado e lhe pediu que retransmitisse ao governador Orestes Quércia informações sobre os precedentes da demissão do ministro da Fazenda e sua disposição de, a partir de 4 de janeiro, nomear seu substituto. O pressuposto de ambos é que o governador paulista não estimulará o movimento de rebeldia do PMDB, comandado pelo ex-governador Franco Montoro e pelos senadores Fernando Henrique Cardoso, Mario Covas e Severo Gomes.



O governador Quércia não acompanharia políticos que, com exceção do sr Severo Gomes, se opuseram à sua candidatura ao Palácio dos Bandeirantes, mas, como declarou em São Paulo, se o PMDB romper com o presidente da República, ele acompanharia o partido. Mas o governador não crê nesse rompimento e tende a acompanhar o deputado Ulysses Guimarães, que pretende retardar qualquer definição do partido em relação ao presidente José Sarney para depois da promulgação da Constituição. O presidente do PMDB não aspira a interferir novamente no governo federal mas não abre mão de comandar a Constituinte e o partido, conjugando-os para acelerar a votação e a promulgação da Constituição.

No encontro do presidente com o sr Roberto Cardoso Alves (o *Robertão*) não se falou em sistema de governo nem em duração de mandato, mas, ao despedir-se, o deputado disse-lhe: "conte conosco, para cinco ou seis anos, como preferir". O presidente limitou-se a rir. O sr Cardoso Alves entende que o *Centrão*, embora não faça definição formal sobre a matéria, tende a votar pelos cinco anos, coisa de que estaria ciente o presidente da República, que teria oportunidade de indicar um novo ministro liberto das pressões da esquerda do PMDB. Acha o sr Cardoso Alves que, se não permanecer o sr Mailson da Nóbrega, deverá vir um empresário. "Paulo Cunha?" Perguntei. "Por aí", respondeu. Mas acrescentou: "pense também no Olavo Setúbal, que seria um bom nome".

O presidente na verdade não se referiu a nomes nessa conversa nem em outra de que se tenha conhecimento. Ele estava satisfeito com a resposta que, em entrevista coletiva, dera ao sr Bresser Pereira, que o acusou de indeciso, de obsessão com a duração do mandato e de desinteresse em fazer cortes nas despesas. Ele disse que o ministro lhe fizera uma proposta de taxaço de rendimentos que já são taxados na fonte, taxaço que, se ampliada, provocaria recessão, e ridicularizou a lista de empresas e serviços cuja extinção o ex-ministro chegou a alinhar. E, num desabafo: "as coisas agora estão assim, o ministro deixa uma carta e sai para o desafio. Até parece cantador do Nordeste".

O sr Roberto Cardoso Alves está confiante em que o governador Quércia manterá seu apoio ao sr José Sarney, mesmo porque a rebelião no partido contra o presidente é comandada por políticos que não queriam a eleição de Tancredo-Sarney e só falavam em voto em branco. Para eles era o "diretas só", mas se renderam à realidade imposta pela maioria do partido. O governador Quércia e o deputado Cardoso Alves são tão históricos quanto os que mais o sejam, alega o deputado. Ele considera que é certo o apoio ao presidente da República dos governadores de Minas, Paraná, Santa Catarina, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, Amazonas, Acre, Rondônia e Mato Grosso do Sul. Inclui entre os que querem mandato de quatro anos os governadores da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Mato Grosso, mas acredita que o governador do Rio Grande do Sul e até mesmo o de Pernambuco preferirão apoiar o sr Ulysses Guimarães para adiar qualquer decisão para depois de promulgada a Constituição.

O coordenador do *Centrão* permaneceu ontem em Brasília para uma reunião com outros coordenadores que estão na capital a fim de reestudar a pauta dos temas a serem defendidos pelo *Centrão* no plenário. Ela é mais ou menos a conhecida, com temas sociais e econômicos, e, segundo o deputado, não têm caráter hostil ao trabalhador a quem pretendem defender contra "medidas demagógicas" que, a pretexto de melhorar a situação, lhe causaria prejuízos. O "conceito social" da propriedade seria outra formulação enganosa, contra a qual o *Centrão* se baterá. Na mesma linha está a reserva de mercado, que deve ser temporária e não prejudicar a um milhão de trabalhadores em calçados e 300 mil trabalhadores em cítricos. A empresa nacional será redefinida, assim como o preâmbulo da Carta.

A decisão importante que está em pauta é não dar número para votar os cinco destaques da esquerda ao projeto de Regimento já aprovado na última reunião. "Se é a esquerda que quer aprovar esses destaques", disse, "seus líderes que dêem número, nós não". Isso significa que continuará a não haver acordo e que a partir do dia 5 a Constituição entrará em votação nos termos do Regimento já conhecido. Entende o deputado paulista que os ciúmes inevitáveis no seu grupo não prejudicarão as votações. "Nosso voto será sempre contra a esquerda na hora decisiva", concluiu.

Carlos Castello Branco